

CURSINHO DE EDUCAÇÃO POPULAR EMANCIPA: UM DIÁLOGO ENTRE DIDÁTICA E INCLUSÃO

Denise Wanzeler de Carvalho ¹

Kaio Coelho Rodrigues ²

Terezinha Cavalcante Feitosa ³

RESUMO

O presente trabalho foi realizado no Cursinho de Educação Popular Emancipa, um projeto de extensão da UNIFESSPA, com a proposta de realizar uma identificação de problemas enfrentados pelos professores licenciandos da instituição supracitada acima, estes enquanto exercem suas funções de docente, e através desse reconhecimento buscou-se, juntamente com os licenciandos que são docentes do cursinho, juntos buscamos elaborar formas de solucioná-los. Esta pesquisa foi dividida em 4 etapas, na primeira etapa fizemos uma entrevista com a coordenação do movimento, na segunda etapa fizemos uma roda de conversa com o objetivo de historicizar o que é o cursinho, na terceira etapa foi feito um plano de ação, e por último a execução deste. As etapas se voltaram todas para os sujeitos que são alvos desse trabalho, seguindo assim os pressupostos teóricos da pesquisa-ação e tivemos como resultado do processo da pesquisa no qual identificou-se junto aos professores, através de entrevistas, a necessidade de uma formação a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA). O trabalho proporcionou um aprendizado tanto por parte dos professores do Emancipa, quanto para os pesquisadores já que ambos não tinham conhecimento tão amplo sobre o autismo e como desenvolver atividades adaptadas para o público alvo do transtorno.

Palavras-chave: Cursinho popular, Inclusão, Didática, Transtorno do Espectro Autista, Emancipa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de uma disciplina que cursamos na graduação de Pedagogia, este foi realizado no Cursinho de Educação Popular Emancipa, com a proposta de alcançar uma identificação de problemas enfrentados pelos professores dessa iniciativa enquanto exercem suas funções de docentes, e através desse reconhecimento buscou-se, juntamente com estes, elaborar formas de solucioná-los. Esse cursinho oferece preparação pré-vestibular mesclado com a educação popular, busca articular o conteúdo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) aos problemas e características da região onde se encontra o cursinho, que nesse caso é a cidade de Marabá localizada no Sudeste do Pará.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), nisewanzeler@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), tropamg130@gmail.com;

³ Professora orientadora: doutora em Ciências Sociais, docente da Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) terezinha.cavalcante@unifesspa.edu.br (83) 3322.3222

O Emancipa em Marabá surgiu a partir da proposta de um professor e alunos da matemática, no ano de 2012. Tendo um projeto-piloto analisado e aprovado, o movimento teve início em 2013 como um projeto de extensão da UFPA (hoje UNIFESSPA) que resgata os princípios da Educação Popular, de um cursinho gratuito e acessível para o ingresso ao Ensino Superior. O projeto é reconhecido como uma parceria que liga o cursinho e a universidade como um espaço deliberativo, aberto para debates, prezando a democracia nas decisões.

O movimento tem como ideia central a luta pela educação pública de qualidade, e busca não só preparar os alunos para os exames de acesso às universidades, mas também engajá-los em causas políticas. Como o conjunto do cursinho é formado inteiramente pela juventude, o fundador considera importante a participação em ações que fazem parte da realidade desses alunos e professores para defender e exigir seus direitos.

A equipe de professores é formada por discentes da UNIFESSPA, composto por 10 bolsistas e outros voluntários, que escolhem a disciplina para trabalhar por afinidade. É com esse público de professores que exercem o trabalho no cursinho que o objetivo desse trabalho se manifesta, foi proposto uma formação no sentido de dar subsídios teórico e prático a respeito da conceituação e formas de trabalho com o público autista.

No ano de 2019 adentraram ao espaço do cursinho dois alunos, público alvo da educação especial com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pela característica dessa pesquisa, no sentido de desenvolver uma ação, tivemos como resultado a identificação e solução de problemas enfrentados pelos professores do Emancipa. Em resposta, construímos um plano de formação, ministrado pelos autores desse texto atendendo as demandas dos professores. Esses docentes por serem alunos de licenciatura e bacharéis não tinham até então nenhuma experiência com esse público de alunos com dificuldade de aprendizagem.

METODOLOGIA

Esta foi dividida em 4 partes, cada etapa foi executada junto aos sujeitos que são alvos desse trabalho, seguindo assim os pressupostos teóricos da pesquisa-ação. De acordo com Franco (2005), o pesquisador que abordará essa modalidade “considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação” (p. 486). Nessa perspectiva o planejamento da intervenção a ser realizada e a avaliação do processo dessa ação serão feitas com os professores e líderes do cursinho popular Emancipa.

Para o primeiro passo dessa pesquisa, os cientistas envolvidos propuseram aos sujeitos que estão à frente do movimento social pesquisado uma roda de conversa com entrevista sobre o surgimento do cursinho popular, as perspectivas de ação com a comunidade, parcerias e os resultados já obtidos durante o período de execução da proposta do Emancipa. Essa etapa foi pensada como uma conversa para familiarização dos pesquisadores com o movimento, para isso foi utilizado gravadores de voz para registro das informações a respeito do cursinho.

O segundo passo se dividiu em dois momentos: o primeiro momento passou por uma outra conversa com os professores do Emancipa com a finalidade de conhecer as formas de planejamento, a articulação entre o cursinho popular e os conteúdos dos vestibulares, os resultados obtidos com as propostas e as dificuldades enfrentadas por estes educadores. O segundo momento foi à elaboração de um plano de ação para a intervenção que será feita com base nessa conversa.

A terceira etapa, que podemos dizer que foi a mais complicada, se aproveitou do último momento do passo dois, a criação da intervenção com base nos relatos dos professores que a princípio, antes de realizar a pesquisa tinha-se a ideia de trabalhar questões didáticas, já que se tratava de alunos de licenciatura e bacharéis que poderiam ter dificuldade na hora de planejar, porém, como a essência da pesquisa ação é que os sujeitos sejam parte do processo de pesquisa e intervenção a demanda que eles demonstraram ter mais dificuldade era na questão da educação especial.

A etapa então seguiu em uma perspectiva de reunir material teórico e prático para trabalhar uma formação sobre o tema “autismo” para os professores do Emancipa. Para isso, solicitamos a alguns professores da educação básica da cidade de Marabá materiais relacionados a práticas em sala de aula com o público autista, buscamos sites especializados como o da Associação dos Amigos dos Autistas (AMA) que dispõe de uma coletânea de materiais de práticas em sala de aula com esse público. Todo esse trabalho revelou também nossa dificuldade em saber de práticas em sala de aula com alunos que tem autismo, o que pode proporcionar uma nova pesquisa a respeito da formação de pedagogos e educação especial.

A última etapa se configura na intervenção realizada com base nos relatos dos professores e com base no material arrecadado no contato com docentes da rede básica de ensino e sites especializados. A ação manifestada através de uma formação sobre autismo foi feita em uma das salas da UNIFESSPA onde o cursinho é realizado, apresentou-se conceito de autismo, indicação de filmes e sites para serem apreciados, formas de trabalhar em sala de aula com esse público, e abriu-se um espaço para os professores fazerem perguntas. Após a formação

o material consultado e o slide de apresentação foram disponibilizados para os professores via grupo de WhatsApp.

DESENVOLVIMENTO

A ideia de mesclar os conteúdos de vestibular com as características e problemáticas da região se transforma em uma iniciativa inovadora, segundo Aragão et al (2015), que por acaso são responsáveis e professores do Cursinho Emancipa em Marabá, descrevem a ação do Emancipa

Com uma proposta que vai além do ensino para um exame de seleção, a Rede propõe ao estudante um espaço inovador de discussão da realidade regional e nacional, criação e recriação do saber acerca do mundo e da vida. A atividade da Rede Emancipa é desenvolvida em igrejas, centros comunitários, escolas públicas e universidades como programas/projetos de extensão, não se restringindo apenas à sala de aula, pois a educação não está só ali (p.88).

O fragmento citado faz parte de um artigo, como já dito, produzido por integrantes do Emancipa na cidade de Marabá. Percebe-se que ao longo desse texto os autores se fundamentam em ideias do exímio educador Paulo Freire, principalmente em sua obra *Pedagogia do oprimido* (1996) para ancorar o trabalho exercido no cursinho. Ao referenciar Freire para descrever o trabalho do cursinho na cidade referida, podemos pensar que o movimento aqui estudado percebe a educação como forma de emancipação do ser *oprimido* para com seus *opressores*, “Superando, assim a ingenuidade que condiciona a exploração do oprimido pelo opressor, em uma sociedade capitalista, e reconhecendo seu papel no mundo” (ARAGÃO et al, 2015, p. 86).

Sendo um cursinho preparatório para vestibular, o emancipa deve proporcionar aos seus alunos maneiras de assimilar as competências e habilidades necessárias para aprovação no Enem e outros processos seletivos para vagas em instituições de ensino superior, aqui se entra em uma reflexão levantada por Luckesi (2008), ao ocupar a função de professor devemos administrar todas as formas disponíveis tanto em material físico quanto em metodologia para executar seu trabalho. Nessa perspectiva, todo conhecimento prático e teórico desse professorado deve ser articulado para criar formas de ensinar o público alvo de projetos de ensino.

Porém, levantamos um bom questionamento sobre o próprio vestibular, nesse caso o Exame Nacional do Ensino Médio, a respeito da acessibilidade para alunos público alvo da educação especial,

a concepção de acessibilidade em um exame não pode ficar restrita a alguns aspectos relativos à aplicação da prova, pois envolve todas as suas etapas: das Matrizes de Referência à divulgação dos resultados, passando pela produção de itens e provas

acessíveis, a elaboração do edital, a criação de sistema de inscrição, a seleção e a formação das equipes de campo, dos profissionais especializados e dos corretores das provas escritas, a definição dos locais de prova, dos recursos a serem disponibilizados e das sistemáticas de aplicação, e o monitoramento de cada etapa (RABELO e KASSAR, 2018, p. 919).

Na perspectiva dessas autoras, a acessibilidade de provas de vestibulares se manifesta somente no ato da prova com letores ou materiais adaptados para as especificidades de cada sujeito, porém para as correções não há outras diretrizes especialidades para esse público, o que levou aos professores do Emancipa ficarem sem direcionamento de como trabalhar com os alunos com TEA em seu cursinho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para princípio de conversa, vamos aqui explorar a realidade coletada através dos áudios gravados nas reuniões que fizemos com os professores, nesse caso vamos descrever a forma trabalhada pelos professores dentro do cursinho e em seguida fazer conexões da mudança de caminho para formação que demos sobre autismo.

Na reunião começamos falando sobre o planejamento do cursinho, ponto crucial para execução de seus trabalhos, como já citado anteriormente por Luckesi (2008), é planejando que os professores administram seus recursos para agir. Os professores do cursinho dentro de suas disciplinas se organizam anualmente, organizando os conteúdos e dividindo-os para cada docente dentro da área do conhecimento que vai trabalhar. Em redação por exemplo

A gente trabalha da seguinte forma: tem os colaboradores, e daí houve a reunião pra saber quais assuntos a gente ia abordar esse ano, tanto em redação quanto em língua portuguesa, e também a sub divisão, por exemplo, em redação a gente tá trabalhando com competências, e aí também dividimos os dias de aula pra cada professor. Ficou por escala, então a gente tá cumprindo essa escala. Aí quando falta tem que avisar, aí eu procuro alguém pra substituir ou eu mesmo vou substituir (PROFESSOR DE REDAÇÃO).

Em biologia podemos perceber uma organização parecida se diferenciando em alguns pontos,

Em biologia mesmo é fechado anualmente o plano de aula, onde é feito uma reunião com todos os contribuintes, e quem for contribuir vai deixar essa margem no nosso plano anual, e nesse plano anual os professores disponibilizam pelas disciplinas, pelo conteúdo, e com as salas específicas a dar aula, sendo que cada conteúdo abordado vai ser dado em todas as salas. (PROFESSORA DE BIOLOGIA).

Na história é

Semelhante a isso, no sentido de, quando a gente teve a reunião, separou e como a gente tem muito colaborador, foi por área de afinidade. Eu gosto de história antiga, e

tem muitos que vão trabalhar mais quando chega na história moderna e contemporânea. Pra geografia, como eu sou voluntária de geografia, ainda mais quando eu vejo um assunto que me chama atenção, que eu acho que vou dar conta de falar, aí eu tento. (PROFESSORA DE HISTÓRIA).

Física e química seguem o mesmo esquema de organização didática, eles separam os conteúdos anualmente e distribuem entre os professores que são da área do conhecimento da disciplina. Podemos notar que se tratando de um mesmo grupo, os professores são separados dentro de cada área do conhecimento organizando-se a partir do pessoal que se dispõe a dar aula de uma determinada disciplina.

Sobre a articulação dos conteúdos do vestibular com a educação libertadora, tem-se um trabalho interessante executado pelos professores. Se seguirmos a concepção de educação popular do Emancipa demonstrado por Aragão et al (2015), trazer à tona na sala de aula os problemas regionais, as falas a seguir exemplificam essa articulação

por exemplo, na aula de geografia, eu falei hoje sobre agronegócio, aí ia ter debate, aí como eu tentei trabalhar, expliquei alguns gráficos falando sobre os alunos, e acabou voltando na questão de conflitos sociais, conflitos agrários aqui no Pará. Aí comecei a usar os exemplos do Pará, chacina do Pau D'Arco fez dois anos, tinha uma aluna na sala que não sabia que isso aconteceu, e aí eu vi ela anotando que ela ia pesquisar (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

Na redação percebemos uma ação mais radical, pois até deixa de lado temas de redação que teriam mais chance de cair no vestibular para trabalhar temas relacionados ao cotidiano da cidade, assim afirmando a criação de consciência crítica do oprimido demonstrada no tópico da introdução desse texto.

assim eu tô buscando uns temas pra eles nas redações, igual uma que eu passei semana passada, que era a questão da objetificação da mulher na publicidade. É um tema que talvez não possa cair, mas eu trouxe pra eles criarem essa consciência, de como a mulher é vista no dia a dia, por que marca de cerveja tem mulher bonita na propaganda, influenciando os homens a comprar e também com a mulher como objeto. Então eu tenho feito isso pra talvez criar neles uma consciência, na questão dos animais, eu vi não só o que pode cair, mas que as pessoas deviam ter mais consciência quanto a isso. Aqui na UNIFESSPA tem muito gato, muito cachorro, às vezes eu vejo gente falando coisas assim “ah, tem que pegar esse gato e jogar ele na rua”, então eu tento trazer às vezes alguns temas assim e a gente debate na sala de aula sobre esses temas, e tenta ver isso na realidade (PROFESSOR DE REDAÇÃO).

Interessante de notar, como didaticamente falando, trazer elementos da realidade para execução de uma ação docente faz parte do papel do professor, o espaço de ensino não pode ser desconexo da realidade por si só, pois é do universo que se faz o entorno da instituição de ensino que surgem os conteúdos, mesmo se tratando de um cursinho, o Emancipa tem como pauta educação popular que procura solucionar a relação de opressão vivida pela população que adentra seu espaço, sua prática não deve se descolar da realidade desses sujeitos, o papel social do educador é esse. “Em outras palavras, a prática educativa se processa em suas relações com

a sociedade mais geral. Nesse contexto, emerge a consciência da não neutralidade da educação frente à realidade social, econômica, política e cultural” (RAYS, 2014, p. 43).

Em se tratando das dificuldades enfrentadas por esses educadores, não podemos descartar que existem alguma citadas nos relatos, como por exemplo, avaliação, planejamento e execução. Mas, os professores demonstraram inúmeras dificuldades ao tratar do público que adentraram esse ano no cursinho que tem autismo. Os professores sentiam dificuldade tanto em questão de práticas com esses alunos quanto à conceituação desse transtorno e avaliação, evidenciado ainda mais pelo professor de redação cuja dificuldade em relação a correção das redações feitas por esses alunos. “E com relação aos alunos que são autistas, pelo menos pra mim, como eu sou novato, eu não sei corrigir a redação de um aluno autista. Eu não sei como o ENEM cobra isso” (PROFESSOR DE REDAÇÃO).

A professora de geografia evidencia o trabalho com outro aluno com deficiência visual, com esse aluno as dificuldades são menores, pois eles dispõem do auxílio do Núcleo de Acessibilidade (NAIA), porém com os alunos autistas as dificuldades são mais acentuadas.

Já o autista da sala, eu acho ele mais distante, mas ele presta atenção na sala. E da sala 3 também não tenho problema. Só que eu percebo que eu tenho mais envolvimento com o Manoel. Que quando precisa fazer material, o Naia fornece pra gente em braile. Eu reconheço que eu tenho mais afinidade e às vezes descrevo as imagens e faço trabalhos mais com o Manoel do que com os alunos autistas (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

Tendo essa dificuldade com alunos autistas propomos a intervenção seguindo essas demandas demonstradas no relato.

A intervenção consistiu em uma formação para os professores, focada no autismo, com o tema “O autismo e as práticas em sala de aula”. O evento trabalhou os níveis, as manifestações comuns em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), técnicas para serem utilizadas no atendimento, além de práticas na sala de aula para lidar com as dificuldades.

Durante a formação, ocorreram diversas falas sobre o processo nas aulas do cursinho, como, por exemplo, ao perguntar se os professores reconheciam o nível dos seus alunos com o espectro, à resposta foi de um do nível leve e um do nível moderado, sendo que o de segundo nível eles encontram algumas complicações de concentração e socialização. Nas práticas, foi notável a falta de recursos e diálogo com os alunos para saber sobre os seus avanços nos conteúdos e a aplicação de materiais acessíveis que chamem a atenção para a aula do dia. Dessa forma percebemos que a formação pôde contribuir trazendo novos meios de intervenção para os professores usarem com os alunos, de forma que participem mais ativamente.

Sobre uma dúvida ressaltada já na entrevista e reforçada durante a formação, sobre a correção de redações no Enem de pessoas com autismo, não conseguimos respondê-la, não encontramos se há uma especialidade de corretores de vestibular para avaliação de redações desse público, na verdade encontramos críticas a respeito sobre a prova do Enem o qual possui a inclusão, ainda que de forma não tão satisfatória, no ato da prova, como já visto em Rabello e Kassar, (2018).

Como a data de realização da intervenção e da entrega do relatório foram próximas, infelizmente não foi possível saber se a formação deu frutos, se os professores realmente colocaram em prática aquilo que foi transmitido. Porém, durante a ação e os momentos para as colocações dos docentes, foi perceptível o interesse em utilizar os métodos citados, em adquirir novas práticas de ensino que possam colaborar com o aprendizado dos alunos, tanto com os que possuem autismo, quanto com os demais. Além disso, como foi citado anteriormente e para que o projeto possa ser reforçado, todos os materiais foram disponibilizados no grupo de WhatsApp do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho proporcionou um aprendizado tanto por parte dos professores do Emancipa quanto para os pesquisadores, já que ambos não tinham conhecimento tão amplo sobre o autismo e como desenvolver atividades adaptadas para o público alvo do transtorno. Assim, a mudança na proposta de intervenção serviu para um aprimoramento das práticas docentes e o entendimento de que o autismo e educação inclusiva precisa ganhar mais reconhecimento nas graduações, pois os autistas são público que já fazem parte de uma sala de aula regular, e precisamos estar cientes das formas de abordagem desse alunado, já que enquanto futuros educadores podemos assumir a sala de aula com alunos assim quando exercermos a nossa função.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Rigler da Costa et al. Cursinho Popular Emancipa: movimento de educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 83-92. 2015.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da educação escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2008.

RAYS, Oswaldo Alonso. Pressupostos teóricos para o ensino da didática. In: CANDAU, Vera Maria (org). **A didática em questão**. Rio de Janeiro: Vozes 2014. p. 43 – 52.

REBELO, Andressa Santos; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Avaliação em larga escala e educação inclusiva: os lugares do aluno da Educação Especial. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, p. 907-922. 2018.